

## Memória da Saúde em São Paulo: Centro Histórico Cultural da Enfermagem Ibero-Americana\*

*Memory of health in São Paulo: Historical-Cultural Center for Iberian American Nursing*

Paulo Fernando de Souza Campos<sup>1</sup>, Fernando Porto<sup>2</sup>, Taka Oguisso<sup>3</sup> e Genival Fernandes de Freitas<sup>4</sup>

---

**Resumo:** Trata-se de um debate sobre a preservação da memória histórica da saúde em São Paulo balizado pelo acervo existente no Centro Histórico Cultural da Enfermagem Ibero-Americana. Pretende-se evidenciar o potencial informativo dos registros históricos existentes, bem como a trajetória deste espaço criado em 1992 pela Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo como instrumento formador e orientador dos futuros profissionais. A perspectiva proposta visa caracterizar o conjunto documental em relevo e inseri-lo no âmbito da institucionalização das ciências aplicadas, em especial do Estado de São Paulo, revelando os nexos que a Escola de Enfermagem estabeleceu em sua historicidade com a Faculdade de Medicina e a Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo. As considerações alcançadas pelo debate apontam para um necessário trabalho de recuperação e preservação dos registros históricos que narram o desenvolvimento da saúde pública e seus personagens.

**Palavras-chave:** Memória, História, Enfermagem, Saúde Pública.

**Abstract:** *This is a debate on health historical memory preservation in São Paulo, conformed by the existing Archives in the Historical Cultural Center for Iberian American*

---

\*Este artigo é resultado da participação na Mesa Redonda "Memória e História: Medicina e Saúde em São Paulo" do 1º Encontro Paulista Memória, Saúde e Sociedade, realizado pela Universidade Federal de São Paulo – Escola Paulista de Medicina.

<sup>1</sup> Doutor em História. pfsouzacampos@usp.br

<sup>2</sup> Doutor em Enfermagem. Professor do Departamento Materno Infantil da Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. ramosporto@openlink.com.br

<sup>3</sup> Doutora em Enfermagem. Professora Titular da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo. takaoguisso@usp.br

<sup>4</sup> Doutor em Enfermagem. Professor da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo. genivalf@usp.br

*Nursing. It is intended at highlighting the informative potential of the existing historical records as well as of the trajectory of such a space created in 1992 by the University of São Paulo, School of Nursing as training and guiding tool for future professionals. The proposed perspective aims at characterizing the relevant documental set and inserting it within the scope of the applied sciences institutionalization, particularly in the State of São Paulo, showing the nexus that the Nursing School has established in its historicity with the Medical School and the Public Health School, both at the University of São Paulo. Discussions reached in the debate have indicated for a work needed for recovering and preservation of the historical records which report the development of the public health and its actors.*

**Keywords:** *Memory, History, Nursing, Public Health*

---

## **Introdução**

A publicação do Decreto Lei Estadual, nº. 13.040, de 31 de outubro de 1942, instituiu a Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo. Seu histórico remonta acordos governamentais estabelecidos entre Brasil e Estados Unidos, mediados entre Fundação Rockefeller e Governo do Estado de São Paulo. Em sua primeira fase, o novo espaço formador denominava-se Escola de Enfermagem da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, por configurar-se como unidade de ensino anexa à Faculdade de Medicina (Pinheiro, 1967).

Efetivamente autônoma, com orçamento separado e dirigida por enfermeira, como determinava a legislação federal específica para o ensino de enfermagem, a Escola de Enfermagem era representada no Conselho Universitário pelo Diretor da Faculdade de Medicina. Por esse motivo, encontrava-se em posição desfavorável do ponto de vista das necessidades internas, pois a condição de anexa não permitia a formação de Congregação e Colegiado, dispositivos indispensáveis para que a Escola constituísse um regulamento próprio. Em 1956, foram iniciadas as gestões para a desanexação, concluídas com a publicação do Decreto Estadual nº. 42.809/63 em dezembro de 1963. A partir dessa data, como unidade da USP, a Escola passou a ser denominada Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo - EEUSP (Carvalho, 1980).

A fundação da Escola de Enfermagem, implementada na emergência do Estado Novo, evoca ações realizadas por Adhemar Pereira de Barros

(1901-1969), Interventor Federal do Estado de São Paulo no governo de Getúlio Vargas (1930-1945). No contexto, as políticas públicas de saúde, singularmente as que se ocupavam da saúde dos trabalhadores, mereceram especial atenção. A ampliação da rede hospitalar, a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial e os progressos da emancipação feminina conferiam visibilidade ao exercício da enfermagem profissional e à função social do cuidado.

Fundada no bojo das reformas do ensino superior no país, a Escola de Enfermagem da USP destaca-se, historicamente, por projetar a assistência para o campo do gerenciamento, o que deveria ser realizado por “enfermeiras chefes”, movimento este que encontrava ressonância com o desenvolvimento urbano do país, em específico, da cidade de São Paulo (Carvalho, 1980; Vasconcellos, 1995).

### **Preservar para Formar**

No início da década de 1990, um grupo de enfermeiras da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo iniciou o projeto de organização do material histórico-documental existente sobre a memória da Escola e da enfermagem brasileira. A proposta objetivava centralizar, em um único espaço, registros históricos que a escola dispunha, acumulados ao longo da trajetória institucional e profissional, deixados por suas primeiras líderes e diplomadas. Reunidos, os documentos formalizaram o acervo do Centro Histórico-Cultural da Enfermagem Ibero-Americana – CHCEIA (Oguisso, 2000).

Considerado de grande interesse histórico e cultural, as informações reveladas por seus documentos contêm significativa importância, pois narram a trajetória histórica não apenas da enfermagem ou a participação da EEUSP neste processo, mas evoca a memória da saúde de São Paulo, cujos registros narram os nexos entre a Faculdade de Medicina e de Saúde Pública da USP (Carvalho, 1980). Contudo, o trabalho pioneiro de Hideko Takeuchi Forcella, Ilza Marlene Kuae Fukuda, Margareth Ângelo, que fundaram o CHCEIA, apoiadas por Tamara Iwanow Cinciarullo, diretora no período de 1991-1995, não foi efetivado. Tampouco os objetivos propostos foram atingidos. A noção prevalecente em relação ao passado, à memória e à história, relegou o CHCEIA a uma retrospectiva

estática e o fez permanecer como ilustração, imagem congelada, estanque, dissociada da análise histórico-social necessária ao entendimento das origens da enfermagem e da própria instituição, além das especificidades.

Fundado em outubro de 1992, o CHCEIA foi criado para ser um centro de pesquisa capaz de tornar-se, por esse motivo, verdadeira referência da enfermagem nacional, como propunham as pioneiras que organizaram o acervo em sua primeira fase. A perspectiva que moveu sua fundação reiterava o necessário trabalho de preservação da memória histórica da EEUSP, inclusive como instrumento capacitador da formação e orientação profissional. Sua existência deveria possibilitar amplo acesso aos acontecimentos que promoveram o desenvolvimento da enfermagem, resgatar o passado histórico da profissão e da Escola de Enfermagem da USP como parte do processo de legitimação da identidade profissional do enfermeiro.

O novo espaço deveria estabelecer um contato efetivo com instituições congêneres, sobretudo da América Latina e do mundo Ibero-Americano (Portugal e Espanha), além de centralizar a guarda de objetos e documentos históricos, e realizar intercâmbio na busca contínua de melhores condições para o desenvolvimento da assistência cuidativa, como revelam os registros de sua fundação. Uma exposição retrospectiva da Escola de Enfermagem, fundada em 1942, inaugurou o CHCEIA cujos registros fotográficos destacavam a vida das alunas que, durante duas décadas subseqüentes, viviam e estudavam em regime de internato, como propunha o regulamento vigente. A exposição que inaugurou o centro histórico, ao remontar a vida das internas, ressaltou os uniformes utilizados pelas estudantes, instrutoras e professoras; objetos utilizados pelas alunas/internas na assistência de enfermagem, dentro e fora do ambiente hospitalar, tais como as atividades de visitas domiciliares e estágios de saúde pública, realizado no interior do Estado (Oguisso, 2000).

Na emergência de sua fundação, os objetivos do Centro Histórico viviam: recolher, armazenar e preservar obras literárias, artísticas, objetos e documentos históricos da enfermagem; desenvolver atividades de educação extensiva à comunidade, abrangendo escolas de nível fundamental, médio e superior, bem como o público em geral, mais especificamente, estudantes, docentes e profissionais da área; estabelecer uma política cultural vinculada à recuperação da memória da enfermagem, com apresentação de material e equipamentos, fotografias e outros objetos dentro de um programa visual em exposições fixas e itinerantes e promover intercâmbio entre comunida-

des e instituições, nacionais e internacionais. Somente parte desse projeto foi efetivada, a que deu início ao levantamento com a participação e orientação do Instituto de Estudos Brasileiros – IEB/USP.

Entretanto, a capacitação recebida no momento da inauguração foi aos poucos esquecida, tornando o Centro Histórico um espaço ilustrativo, fabulesco, preso a um passado glorioso, porém distanciado das possibilidades didático-científicas que evoca. Apoiado em critérios exclusivamente estéticos, a historicidade que emanava do Centro Histórico passou a ser concebida como parte de um processo acabado, encerrado em si mesmo, impedindo que os significados históricos e sociais que os registros permitem acessar, fossem usados como fonte de ensino, pesquisa e extensão. Durante os anos subseqüentes a sua inauguração, o Centro Histórico foi relegado aos dissabores do esquecimento e seu acervo desprezado por avaliações anacrônicas acerca de seu potencial informativo.

### **História da Enfermagem, História das Mulheres.**

A pesquisa em história no Brasil muito recentemente incorporou a produção historiográfica que trata ações e acontecimentos praticados por mulheres. Contar a história das mulheres ou suas experiências contribuiu para retirá-las da penumbra (na qual foram duramente colocadas) e favoreceu significativamente para a cisão de uma historiografia estanque e esquemática, narrada a partir de sucessões de fatos e acontecimentos realizados por personagens ilustres (sempre homens).

Narrada de forma unilateral, a historiografia pouco mencionava os enredos femininos. O positivismo que norteou a escrita da história relegava experiências de mulheres ao um plano inferior e avaliava suas ações como menores em relação aos fatos que deveriam ser perpetuados, pois ainda que existissem não eram protagonistas. Deste modo, é possível afirmar que a escrita da história tradicional impôs uma visibilidade restritiva à participação da mulher no processo histórico, algo similar ao padrão de comportamento que as classificavam como dóceis, abnegadas, submissas, frágeis, voltadas para a manutenção da ordem familiar (Perrot, 1999).

Neste processo, métodos e técnicas de investigação utilizados por outros campos do conhecimento foram incorporados ao ofício do historiador. A nova produção do conhecimento histórico e a pluralidade de abordagens

sugeridas possibilitaram a efetiva prática interdisciplinar, na medida em que os novos problemas e a ampliação das fontes documentais minimizaram limites, aproximando o historiador de outras ciências e vice-versa.

O encontro entre diferentes saberes tem resultado no recrudescimento do interesse pelo passado. A recente descoberta de uma caixa com documentos históricos ampliou o debate sobre a preservação da memória da EEUSP. Cópias de relatórios anuais redigidos por Edith de Magalhães Fraenkel, primeira brasileira a diplomar-se em curso regular nos Estados Unidos, organizadora e diretora da EEUSP (1941-1955), bem como redigidos por Maria Rosa Sousa Pinheiro, diretora da EEUSP (1955-1978), líder da enfermagem nacional, revelam vozes femininas respeitadas por médicos da Faculdade de Medicina, com os quais ambas militaram, sobretudo no processo de desanexação da Escola de Enfermagem. Junto a essa documentação, foram encontradas cópias de relatórios redigidos pela consultora norte-americana da Fundação Rockefeller, Ella Hasenjaeger, mais conhecida como Miss Ella, que atuou na Escola de Enfermagem da USP entre os anos de 1944 e 1951. Neste sentido, destaca-se o portfólio com recortes de jornais da grande imprensa nacional e estrangeira, em especial de São Paulo, sobre movimentos da Cruz Vermelha Brasileira, efetivados entre 1916 a 1932, muito provavelmente de Edith de Magalhães Fraenkel, egressa da Cruz Vermelha Brasileira do Rio de Janeiro, da primeira turma de Enfermeiras Voluntárias, em 1917.

Em outro episódio similar, foram localizados três diplomas pertencentes à Wanda de Aguiar Horta no Setor de Serviços Auxiliares. Esta enfermeira notabilizou a Sistematização da Assistência de Enfermagem no Brasil na década de 1970, cujo dossiê compõe o acervo do CHCEIA. Entre os registros da história da saúde em São Paulo, encontram-se documentos de professoras que contribuíram de modo expressivo para o desenvolvimento da enfermagem brasileira como Amália Correa de Carvalho, Anayde Correia de Carvalho, Ruth Borges Teixeira, Glete de Alcântara, entre outras líderes.

O posicionamento frente à preservação documental que compõe o acervo do CHCEIA assume novas dimensões na medida em que se constata a existência de uma documentação datada de 1912. Os registros referem-se à fundação da Escola de Partejas da Maternidade de São Paulo, anexa a Clínica Obstétrica da Faculdade de Medicina de São Paulo, que em 1972 foi incorporada à Escola de Enfermagem, e seu arquivo (ou o que sobrou dele) permanece sob a guarda da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo. O material documental referente às parteiras,

recebido há mais de 30 anos, permanece armazenado em caixas inadequadas, em armários de madeira, sem arranjos arquivísticos e, contudo, resistem às dobras do tempo.

Os registros de alunas da Escola de Parteiras encontrados, assim como os existentes sobre alunos do curso de enfermagem possibilitam interpretações significativas sobre o desenvolvimento e institucionalização das ciências aplicadas em São Paulo. As fichas de admissão são exemplares neste sentido, pois permitem analisar a formação profissional e a vida pregressa das alunas. As informações contidas nestes documentos possibilitam recuperar os motivos que levaram as postulantes a ingressar na carreira. Revelam estratégias de ensino, movimentos estudantis, organização da grade curricular, formas de ensinar que permitem interpretar a função social da enfermagem no pós-1930. Os documentos permitem, ainda, caracterizar as influências do modelo norte-americano no período historicamente reconhecido como “era Vargas”, na qual a enfermagem contribuiu para a disseminação de um novo padrão de comportamento social, identificável nas fotografias de ex-alunas, cuja estética é significativamente transformada durante os anos da formação profissional [imagem 1].



Imagem 1: Alunas da Escola de Enfermagem de São Paulo no Hospital das Clínicas. A fotografia remonta a Escola de Enfermagem entre 1944 a 1947, período no qual as alunas moravam no Hospital das Clínicas, da Faculdade de Medicina, da Universidade de São Paulo. Fonte: Conjunto de Fotografias. Acervo CHCEIA/EEUSP

O conjunto das fotografias, material imperioso e de grande valor histórico, amplia as possibilidades. Reveladoras, as imagens evocam o cotidiano das alunas internas em estágios, aulas, festas (formatura, datas comemorativas) [imagem 2], viagens para outras cidades do Estado de São Paulo, como Santos e Araraquara, nas quais as alunas atuaram em campanhas de combate a epidemias e outras moléstias infecto-contagiosas. Tais evidências revelam a importância assumida pela Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo.

A documentação preservada pelo CHCEIA permite considerar que a Escola de Enfermagem, de modo inusitado - mas não sem as agruras e vicissitudes do pensamento eugenista que caracterizou as políticas e discursos produzidos em torno da saúde em São Paulo seguramente até a



Imagem 2: Diplomadas da Primeira Turma da Escola de Enfermagem de São Paulo. “Programada a formatura para o dia de São Paulo, paraninfadas por Edith de Magalhães Fraenkel, receberam diploma, a 25 de janeiro de 1947, as dezesseis pioneiras da Escola de Enfermagem de São Paulo: Amália Corrêa de Carvalho, Clélia Mainardi, Dinah Alves Coelho, Elizabeth Barcellos, Eulina Bastos, Filomena Chiariello, Maria Conceição Leite Aranha, Maria José de Almeida Leite, Marília de Dirceu Cunha, Maria Salomé Coura, Maria Silvana Teixeira, Nahyda de Almeida Velloso, Ophélia Ribeiro, Zaira Bittencourt e Zuleika Kannebly” (Carvalho, 1980, p.55). Ressalta-se que há entre as alunas a ausência de uma das diplomadas. Fonte: Centro-Histórico Cultural da Enfermagem Ibero-Americana – CHCEIA/EEUSP



década de 1950 - re-incorporou homens e mulheres afro-descendentes na enfermagem nacional. Contrariando posicionamentos que os impediam de ingressar nas escolas de enfermagem do Brasil, os registros permitem afirmar que em 1942 a Escola de Enfermagem de São Paulo, como era conhecida, incorporou um número expressivo de mulheres oriundas do norte-nordeste brasileiro, redimensionando a profissionalização da enfermagem ao diplomar enfermeiras para o Brasil.

Destaca-se, nesse aspecto, a admissão de Josephina de Mello, ex-aluna da Cruz Vermelha Brasileira – Filial do Estado do Amazonas, que em sua ficha de admissão se declara “preta”. Bem como Lydia das Dores Matta [imagem 3 e 4], também egressa da Cruz Vermelha Brasileira, cuja trajetória profissional e a formação moderna recebida pela Escola de Enfermagem de São Paulo a conduziu para a direção da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, atual Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO. Desse movimento, fartamente registrado, a enfermagem brasileira alcança todo território nacional com ramificações latino-americana.

Deste modo, é possível afirmar que o CHCEIA possui um acervo cuja importância não se restringe à história da EEUSP, mas da Faculdade de Medicina e de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, assim como da História da Obstetrícia e da Assistência ao Parto e do Hospital das Clínicas.

### **Direito à Memória**

A filosofia da preservação da memória como fonte de informação e pesquisa, como promotora do conhecimento e vetor de transformação, tem sido difundida entre pesquisadores que se debruçam sobre a história da enfermagem, campo promissor no âmbito da pesquisa e investigação. Todavia, o acervo existente no Centro Histórico aguarda tratamento adequado, perspectiva que deve ser atentamente elaborada com vistas a torná-lo um espaço não somente da lembrança, mas capaz de conferir testemunho histórico às práticas de cuidar, relevo a experiência vivida por seu contingente profissional, formado basicamente por mulheres.

A reorganização do espaço físico e das séries documentais que constituem o acervo do Centro Histórico Cultural da Enfermagem Ibero-Americana torna-se, nesta medida, mais que urgente. Registros diversos são cotidianamente

FACULDADE DE MEDICINA  
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE ENFERMAGEM

FOLHA DE ADMISSÃO

Nome: *Lydia das Dores Matta* Matr. N.º: *1000*

Esta ficha, cuidadosamente preenchida, deverá ser entregue ao Secretário da Escola de Enfermagem, até 18 de Fevereiro ou 18 de Junho. Podido algum ser tomado em consideração, se não estiver acompanhado dos documentos exigidos.

1 - NOME: *Lydia das Dores Matta* (com sobrenome e registro em) TEL. \_\_\_\_\_  
 2 - RESIDÊNCIA: *Chimarrão, 7, de Grammao, SP, 13160*  
 3 - DATA DO NASCIMENTO: *27 de agosto de 1916* LOCALIDADE: *Araraquá*  
 4 - COM: *paraná* PESO: *57 quilos* ALTURA: *1,60* RELIGIÃO: *Católica*  
 5 - ESTADO CIVIL: *solteira* NACIONALIDADE: *Brasileira*  
 6 - NOME DO PAI: *Luís Carlos Matta* DATA DE NASCIMENTO: *27-8-1880*

Profissão: \_\_\_\_\_  
 Nacionalidade: *Portuguesa naturalizada* Profissão: *Artesista (Escritora)*  
 Instrução: *Secundária*  
 Se falecido, a causa mortis: *Atacado por Encefalopatia*  
 7 - NOME DA MÃE: *Therese dos Reis Matta* DATA DE NASCIMENTO: *16-8-1876*  
 Nacionalidade: *Brasileira* Ocupação anterior ao casamento: *Estudante*  
 Ocupação atual: *Escritora*  
 Instrução: *Secundária*  
 Se falecido, a causa mortis: *Ida*  
 8 - CASO SEUS PAIS ESTEJAM SEPARADOS, OU NÃO VIVA COM ELER, O NOME DA PESSOA COM QUEM VIVE: \_\_\_\_\_  
 Residência: \_\_\_\_\_  
 Parente? \_\_\_\_\_ Amigo? \_\_\_\_\_  
 9 - TEM RESPONSABILIDADES DE FAMÍLIA? *Sim* QUANTAS? *Seis do meu casamento*  
*Meu marido, meus irmãos, meus sobrinhos, meu pai e minha mãe*  
 10 - QUAIS OS RECURSOS FINANÇEIRAS DE QUE DISPÕE PARA CUSTEAR AS DESPESAS DO CURSO DE ENFERMAGEM? *Próprio*  
 11 - TERÁ DE RECORRER A EMPRESTIMO PARA COBRIR AS DESPESAS DO CURSO? *Sim*, *de*  
*debaixo de 5000*

E. E. I.

Universidade de São Paulo  
Faculdade de Medicina  
ESCOLA DE ENFERMAGEM DE SÃO PAULO

Nome: *Lydia das Dores Matta* Data de nascimento: *3/8/1916*  
 Endereço: *R. 7 de dezembro, 99 - Vila Maria - Jaconópolis - São Paulo* Religião: *Católica*  
 Ensino Secundário: *Professora - Inst. de Educação do Jaconópolis - Ilheus*

Ficha da Escola:  
 Data de Admissão: *20 de março de 1944* Data de formatura: *7 de junho de 1947*  
 Data da conclusão: *24 de abril de 1947* Motivo: \_\_\_\_\_  
 Prêmio à Escola em: \_\_\_\_\_

Classe: 1947

QUADROS DAS ATIVIDADES PRÁTICAS

Atividade	Pac. (Censo)		Mater. (Internas)		Sócio		TOTAL
	Diá	Nox	Diá	Nox	Diá	Nox	
Clinica médica geral mulheres	123						123
Clinica médica geral homens		172					172
Pré-natal			28				28
Medicina interna contáguas			25	8	29	8	70
Quarentão			14		17		31
Medicina de nutrição			28				28
Neurologia					14		14
Psiquiatria					49		49
Sigatário - O. Médica			27				27
Clinica cirúrgica mulheres	73		14				87
Clinica cirúrgica homens							
Sala de operações e centro de material			55				55
Cirurgia							
Urologia					6		6
Ortopedia e traumatologia					30		30
Oftalmologia			27	3			30
Otorrinolaringologia					14		14
Sarcos de urgência					21		21
Quaternária					61	7	68
Pediatria					31		31
Admisão					7		7
Conta geral e dietética					16		16
Enfermeira da Escola					25		25
Enfermeira de Saúde Pública					51		51
Psicopatologia e Psicologia					4		4
Júris-juraga em 20/legat					12		12
Fisica					73		73
Dieta					2		2
Audiência					14		14
Total							1.095

Notas: os dias de estágio, nos ambulatórios, aduzem-se incluídos nos estágios das diversas clínicas.

M. E. I.

Imagens 3 e 4: Fichas de admissão de Lydia das Dores Matta. Fonte: Centro-Histórico Cultural da Enfermagem Ibero-Americana - CHCEIA/FEUSP

encontrados em setores inimagináveis da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo. Acondicionados de modo irregular, os registros históricos encontram-se em vias de deterioração provocada pela ação do tempo, da falta de acondicionamento adequado, cujos efeitos nocivos à documentação de caráter histórico podem comprometer o documento, anulando o passado.

Os documentos depositados no CHCEIA que incluem mobiliário, indumentária, material hospitalar de uso profissional, fotografias, cartazes, documentos institucionais (atas, relatórios, comunicações internas, protocolos, pareceres, entre outros documentos acadêmico-institucionais), registros orais, arquivos pessoais como dossiês de ex-professoras, nos quais se encontram cadernetas, apontamentos de aula, material didático, fichas de leitura, cadernos, trabalhos escolares, acondicionados de modo inadequado, expostos às intempéries e ao manuseio incorreto, sem organização e catalogação, imperam a produção do conhecimento, assim como a divulgação da importância que a EEUSP no âmbito das ciências da saúde.

Entretanto, é preciso destacar que a atual diretoria da EEUSP, tem demonstrado interesse pelo debate em torno da preservação de documentos históricos, bem como sua futura disponibilização para pesquisadores. Ainda assim, os documentos existentes no centro histórico exigem uma intervenção de salvamento dos registros que narram a preservação do patrimônio histórico cultural da enfermagem, da memória e da história da saúde em São Paulo; documentos estes que constituem o Acervo do Centro Histórico Cultural da Enfermagem Ibero-Americana. O projeto em tramitação, intitulado Núcleo de Documentação e Memória – NUDOM, do Centro Histórico Cultural da Enfermagem Ibero-Americana – CHCEIA permite considerar que, no conjunto das possibilidades, nem tudo está perdido.

### **Formação e Orientação Profissional**

Quando se escreve a história de uma profissão, existe facilmente a tendência de buscar suas origens no passado mais remoto da humanidade a partir dos fatos históricos. No caso da enfermagem, a tendência mais comum é enfatizar a profissão por intermédio de virtudes como bondade, paciência, dedicação, abnegação e em especial atitudes de passividade como obediência, submissão ao médico, superiores e instituições. Tais imagens derivavam respectivamente de representações históricas distintas.

A historiografia produzida em torno da enfermagem permite considerar que a formação profissional implica o reconhecimento da trajetória histórica da profissão. O reconhecimento legal, social e intelectual da profissionalização, como permite observar José Siles Gonzáles (1999), exige um olhar que apreenda não apenas o saber-fazer. Os conteúdos da história da enfermagem, ao permitir o reconhecimento do passado, dos percursos que levaram homens e mulheres a projetar a arte de ciência do cuidado como algo imprescindível a vida moderna, orienta o profissional.

Neste sentido, cabe recordar o pioneirismo da Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras, anexa ao Hospício Nacional de Alienados, criada em 1890 pelo Decreto 791 nos moldes da enfermagem francesa, atual Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Como também a formação oferecida em 1895 pela Escola de Enfermeiras do Hospital Samaritano, em São Paulo, que funcionou no modelo Nightingale e que na década de 1950 passou a ser denominada Escola de Enfermagem Lauriston Job Lane (Moreira, Oguisso, 2005; Mott, 1999).

A importância que a enfermagem exerce no processo histórico implica, da mesma forma, recordar a Escola de Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira – Filial Estado de São Paulo, em 1912, bem como a Escola Prática de Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira, Rio de Janeiro, em 1916. A historiografia produzida em torno do tema evidencia, em 1917, o Curso de Enfermeiras da Policlínica de Botafogo. Essa trajetória foi marcada simbolicamente com o desdobramento, em 1921, da Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras em três seções: masculina, mista e feminina, esta anexa a Colônia de Alienadas do Engenho de Dentro. Esse marco histórico foi adensado pela criação da Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública no contexto da Reforma Sanitária liderada por Carlos Chagas, atual Escola de Enfermagem Anna Nery da Universidade Federal do Rio de Janeiro, que implantou a enfermagem moderna no país (Mott; Oguisso, 2003; Oguisso, 2007; Porto; Amorim, 2008).

A história da enfermagem evidencia muitas outras escolas profissionalizantes no Brasil, cujo movimento de formação fez com que a profissão alcançasse poder e prestígio junto à sociedade brasileira. Os estudos históricos produzidos sobre a enfermagem revelam as dimensões que a profissão assume no âmbito social, permitindo considerar que seu reconhecimento e a preservação de sua memória contribuem exemplarmente para a construção da identidade profissional, de forma crítica e reflexiva.

Mesmo diante das dificuldades mencionadas a pesquisa em história da enfermagem vem ao longo dessa trajetória investindo na produção do conhecimento, salvaguardando a memória contida em arquivos e acervos vinculados e grupos de pesquisa e instituições de ensino superior, possibilitando visibilidade e acessibilidade a pesquisadores com interesse na história que a enfermagem e sua profissionalização permitem reconhecer. Esse percurso tem marcado a história do Centro Histórico Cultural da Enfermagem Ibero-Americana, cujo legado pode desvelar novas interpretações e versões da História da Enfermagem, da Medicina e da saúde em São Paulo.

### Referências Bibliográficas

- Carvalho AC. A Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo. Resumo histórico 1942-1980. São Paulo: EEUSP;1980.
- Moreira A, Oguisso T. Profissionalização da Enfermagem Brasileira. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2005.
- Mott ML, Oguisso T. Discutindo os primórdios do ensino de enfermagem no Brasil: O Curso de Enfermeiras da Policlínica de Botafogo (1917-1920). Revista Paulista de Enfermagem. 2003; 22: 82-2.
- Mott ML. Revendo a história da enfermagem em São Paulo (1890-1920). Cadernos Pagú. 1999;13:327-25.
- Oguisso T. Memória e História: Centro Histórico-Cultural da Enfermagem Ibero-Americana. Escola Anna Nery. Revista de Enfermagem 2000; 4:359-67.
- Oguisso T. Trajetória Histórica e Legal da Enfermagem. 2ª. ed. Barueri (SP): Manole; 2007.
- Oguisso T, Souza Campos PF. Humanidades, historia y enfermería. Temperamentum 2008, 8. Disponível em <http://www.index-f.com/temperamentum/tn8/t1408.php> Consultado em 30 de Septiembre de 2008.
- Perrot M. Mulheres Públicas. São Paulo: Edunesp; 1999.
- Pinheiro MRS. Histórico da Escola de Enfermagem da USP. Revista da Escola de Enfermagem da USP, 1967; 1:30-4.
- Porto F; Amorim W. História da Enfermagem Brasileira. Lutas, ritos e emblemas. Rio de Janeiro: Águia Dourada; 2008.
- Silles Gonzáles J. Historia de la Enfermería. Alicante: Aguaclara; 1999.
- Vasconcellos MPC. Memórias da Saúde Pública. São Paulo: Hucitec Abrasco; 1995.